

Salomão Rovedo



Pequena história da feira de São Cristóvão

*“Quem viajar do Nordeste
Para o Rio de Janeiro
No Campo de São Cristóvão
Ficará bem prazenteiro
Pois avistará um quadro
Do nordeste brasileiro”.*

Apolônio Alves dos Santos

“A feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão-RJ”

*“É a feira nordestina
Que é tradicional
Desde quarenta e cinco
Do nosso século atual
Que funciona essa feira
Ali naquele local”.*

Apolônio Alves dos Santos no folheto “A feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão-RJ”, aparece como o primeiro poeta de cordel a historiar as origens daquele famoso reduto de poetas e cantadores no Leste do país, mesmo quando confrontada com os pontos de encontro de nordestinos e nortistas na Praça da República em São Paulo. Muitos outros poetas de cordel e folheteiros escreverem sobre o tema, nenhum com tanta fidelidade e felicidade como Apolônio, que residiu e viveu toda a passagem pelo Rio de Janeiro na Barreira do Vasco, sub-bairro de São Cristóvão, ao lado do Estádio de São Januário, do Vasco da Gama.

Na década de 1940 o Campo de São Cristóvão (ou Praia de São Cristóvão, como o local era mais conhecido), abrigava a quase totalidade das agências de transporte de carga e passageiros entre o Norte, o Nordeste e o Rio de Janeiro. Mesmo os veículos – caminhões e ônibus – em trânsito para São Paulo faziam ali uma parada intermediária, pois sempre havia algum passageiro ou alguma carga em circulação.

Era, portanto, muito grande o vai-e-vem de emigrantes, recém-chegados, de passageiros, de carga e de bagagem, que

descarregavam a todo instante, as encomendas ansiosamente esperadas, as remessas monetárias, feitas em confiança, que seguiam como pequeno adjutório aos que ficaram lá na terra distante. Muitos passageiros também se arrumavam nos caminhões de carga, que acabavam por se transformar em transporte misto.

Felizardos entre a grande maioria eram os que chegavam de férias, viajantes de momento, que estavam apenas a cumprir visita, depois de longos anos, ou participar da despedida final de parentes recém-falecidos ou recém-nascidos, realizar os sonhos amorosos até para dirimir alguma querela familiar, para o quê sua presença era indispensável.

O cobrador de ônibus e bom poeta nas horas vagas, Cícero Vieira da Silva (Mocó) tem um folheto em que narra com felicidade a odisseia do nordestino. A chegada ao sudeste é quase sempre assim:

*“No Campo de São Cristóvão
O pobre desce do carro
E segue de rua a fora
Sem ter no bolso um cigarro
Com a maleta na Mao
E a roupa da cor do barro.*

*“E segue desconfiado
Como um pássaro que não voa
E sai olhando pra ver
Se avista uma pessoa*

*Que lhe conhece do norte
Não encontra, fica à toa.*

Cícero Vieira da Silva (Mocó) - “Os martírios do nortista viajando para o sul”

A movimentação no Campo de São Cristóvão era mais acentuada justo aos domingos, dia de chegada de vários ônibus e caminhões vindos das mais distantes regiões, lonas empoeiradas, pneus sujos de barro, trazendo como carga uma população até então estranha aos olhos do carioca. Esse deslocamento obrigatório dos veículos vindos do Nordeste para o Campo de São Cristóvão seria o registro das primeiras manifestações de discriminação ao ***paraíba***, ao ***pau-de-arara***, se tornou proverbial na lembrança daqueles dias remotos, atravessou os tempos e sobrevive ainda hoje.

Eles eram os indesejáveis, os roceiros expulsos do sertão pela indústria da seca e do latifúndio, tocados para fora de suas terras, vencidos pela dificuldade de sobrevivência, devido aos muitos percalços inventados pelos senhores feudais. Essa perseguição vem desde os tempos das sesmarias, é causa do êxodo da população itinerante que chega para criar e povoar as favelas do sudeste.

Recorro mais uma vez ao poeta Apolônio Alves dos Santos, que registra em seu folheto, já citado:

*“Porque todos nordestinos
Todos domingos seguiam
Pro Campo de São Cristóvão
E ali se reuniam
Mesmo sem haver a feira
Era aonde apareciam”.*

Centenas de pessoas de origem nordestina para ali se dirigiam em busca de conhecidos, parentes distantes, de alguma pessoa recomendada, para saber notícias da terra ou encomendar coisas e pessoas de alguém que lhe fora confiado. Todos sabemos que, para quem chega em busca de trabalho e estudo, a aventura dos primeiros dias são os mais difíceis, mas o conterrâneo que o recebe não o deixa na mão, chega com o apoio, o ânimo, divide o pouco que tem irmãmente. Aquele fluxo intermitente de pessoas acabava por se constituir num agradável encontro de gente que tinham algo em comum, mas que a vida agitada da metrópole torna difícil o convívio diário e os mantém afastados entre si.

Mas esse encontro semanal trazia também a conveniência de provocar novas amizades, nascidas de uma conversa informal, isso porque em algum momento se descobriria que algo em comum viria a unir duas ou mais pessoas. Permanecendo essa população em trânsito ali, durante horas a fio, na expectativa da chegada de um ônibus ou caminhão, cujo atraso era histórico, também resultava que provocasse o nascimento de um comércio ambulante.

Logo apareceram vendedores de comidas e lanches com sabores típicos do nordeste, o folheteiro com sua velha mala aberta no chão, o violeiro, o cantador, o repentista... Essa reunião semanal aguçou a veia, meio satírica, meio discriminatória, do carioca, que apelidou depreciativamente o Campo de São Cristóvão de “Aeroporto dos Nordestinos”. Na verdade as autoridades desviaram a chegada dos nordestinos para São Cristóvão para não macular a formosa Rodoviária Estadual – Terminal Rodoviário Mariano Procópio – inaugurado em 1950 na Praça Mauá.

O poeta Apolônio Alves dos Santos bem sabia que a frustração seria bem menor se o emigrante encontrasse por ali algum conterrâneo que, mesmo sendo de cidades vizinhas, poderia transmitir as notícias do torrão natal. Qualquer novidade sempre é bem-vinda, mesmo as coisas consideradas banais tinham sua dose de importância: falar sobre as chuvas, os açudes cheios, mencionar a seca que castiga tal e qual região durante meses, anos a fio, notícias de casamentos feitos e desfeitos, contar sobre a mulher amada, a quantas anda o time de futebol preferido ou sobre as rixas e desafetos da família tal contra a família qual – geralmente resolvidos à peixeira e à bala.

A distância da terra natal, a solidão na terra de adoção, transformava aquele breve contato dominical em São Cristóvão num fio de resistência capaz de suportar a longa estiagem sentimental alimentada na cidade grande, muitas vezes hostil e agressiva por demais. E convém não esquecer aqueles tempos,

difíceis, tanto pela precariedade dos correios, quanto pela dificuldade em escrever cartas e mandar encomendas: qualquer quantia gasta em excesso produzia um rombo no apertado orçamento.

Assim foi nascendo a feira, com o aumento da aglomeração, dos comerciantes de ocasião, crescimento da população nordestina. E com o nascimento da feira veio o poeta. Pode haver feira sem poeta, mas poeta sem feira não é ninguém. Apesar de que muitos deles faziam ponto também na Central do Brasil; na Praça Mauá (onde se localizava a principal Rodoviária da cidade); na Praça XV de Novembro (Estação das Barcas para Niterói e Paquetá); na Cinelândia (local de aglomeração da população que frequentava boates, o cinema, teatro, o Amarelinho e outros bares boêmios das redondezas); e, por fim, a Lapa (o lugar da boêmia mais pesada e perigosa, onde eram mais frequentes a presença de prostitutas, jogadores de sinuca, malandros, traficantes e travestis).

A feira é território natural do poeta, onde o povo faz roda para ouvi-lo cantar com voz entoada os folhetos de aventuras amorosas e de valentia. Essa cantoria é sempre entremeada de comentários jocosos e provocava o riso imediato, de quem quer a prova da veracidade da ficção inventada, para cada história, dos risos do repente que, ao acaso, o poeta improvisa na presença de algum tipo folclórico.

Pois foi ali no Campo de São Cristóvão que a semente germinou. Começaram a surgir algumas barracas, as bancas improvisadas sobre caixotes, coisa que pudesse ser removida rapidamente – pois a perseguição da prefeitura ocorria sempre e a presença do **rapa** era temida, tanto pela virulência do ataque e porque sempre se traduzia na perda total a mercadoria adquirida com muito esforço.

Não ruas adjacentes que circundavam o campo, um comércio de artigos e produtos do nordeste já florescia anteriormente à feira. Quitandas e mercearias – à moda dos armazéns – vendiam cachaça importada diretamente dos produtores – Pitu, Caranguejo e Siri eram as mais famosas de Pernambuco; Fazenda Serra Grande, Maribondo e Três Fazendas traziam a fama da cachaça paraibana – e assim por diante.

O paladar se aguça diante da banca que expõe a carne-de-sol, as avoantes, o peixe seco, o requeijão (que babava manteiga ao ser cortado), o queixo de coalho, a manteiga de garrafa, as latas de castanha de caju, a farinha seca e do Pará (farinha d'água), o feijão de corda, a rapadura. Todas as iguarias que trazem o sabor da terra distante aos milhares de emigrantes aqui chegados. Quem quer reacender o paladar das coisas que havia deixado para trás, ali encontra meios de se abastecer com garantia.

Com o tempo é claro que a notícia da feira foi se espalhando e a presença no local não mais se limitou a quem ia às agências

de transporte. Levados pela saudade da terra, seja pelo prazer da comida, pela ânsia de rever pessoas e receber notícias, por estar num lugar se sentindo como se estivesse na própria casa, com gente da sua igualha, até mesmo para ouvir e dançar um forró de pé no chão, levantando poeira. Peregrinar pela Feira de São Cristóvão passou a ser um programa autônomo, alegre e divertido.

Aportada pela pequenez dessas ruas, que não cabiam barracos e não mais atendiam aos reclamos de espaço, que não podiam acolher as emoções exacerbadas (provocadas geralmente por excesso de bebida) e também não podiam ceder um espaço para tanta gente que queria sentar, descansar, beber um trago ou uma cerveja gelada. E nasceu e cresceu a feira propriamente dita, circundando todo o pavilhão se espalhavam milhares de barracas, milhares de pessoas se apertando nos becos estreitos, movimento esse que começava de madrugada com a chegada dos feirantes e das mercadorias, de fregueses que iam comprar produtos frescos para fazer a comida na própria casa.

E olha aí como Apolônio Alves dos Santos contou a história:

*“Assim criou-se a feirinha
E foi se estabelecendo
Feirantes e camelôs
Foram ali aparecendo
De formas que a feira foi
De dia-a-dia crescendo”.*

De fato, a feirinha cresceu e um novo espaço cultural surgiu para suprir a falta deixada pelas grandes feiras do nordeste. E o poeta de cordel sentiu a potencialidade daquele espaço, valorizando-o com presença maciça, trazendo consigo o resto da trupe constituída de violeiros, repentistas, forrozeiros, recuperando o tempo de outrora que havia deixado ao emigrar, por que:

*“Antigamente o nortista
Ia à feira no sentido
De comprar um folhetinho
E saber do “ocorrido”
Ficava a par de tudo
E qualquer acontecido”.*

Marcelo Soares: “O prenúncio do fim?”

Outras feiras surgiram principalmente nas regiões conhecidas como Grande Rio. Em Caxias, Nova Iguaçu, Belford Roxo e Campo Grande, onde residem grandes aglomerações de emigrantes nordestinos e seus descendentes, mantêm pontos de venda tanto de artigos do nordeste quanto de folhetos. Raimundo Santa Helena, Azulão e Elias de Carvalho são alguns dos poetas que nos tempos áureos frequentaram essas feiras.

A base imutável era sempre a Feira de São Cristóvão, que hoje se iguala a algumas das mais tradicionais do Nordeste como Feira Grande (Alagoas), Feira de Santana (BA), Feira de Caruaru (PE), Feira de Juazeiro (Juazeiro do Norte, CE).

No entanto, nem tudo eram flores. A feira só por si só não era capaz de sustentar o poeta com a venda de folhetos. Também o poeta passou por tempos difíceis e nessa ocasião vale retornar à segunda profissão: quem era pedreiro volta à colher de massa e ao tijolo, o quitandeiro vai trabalhar no balcão, quem não tem profissão definida vai ser porteiro de edifício, cabineiro de elevador ou guardador de carros – vale tudo pela sobrevivência!

Uma estagiária norte-americana, que veio ao Brasil em bolsa de estudo para finalizar a universidade, Candace Slater, concluiu suas pesquisas com a publicação do livro “A vida no barbante – A literatura de cordel no Brasil” (Civilização Brasileira, RJ, 1984), anotou:

“A importância decrescente da feira semanal afetou o poeta popular exatamente com os crescentes custos de produção e a competição dos veículos de comunicação de massa”. E em seguida anota a superioridade da Feira de São Cristóvão na área de produção e divulgação de folhetos, ao observar que “a maior plateia [do poeta] não é encontrada no tradicional território do folheto, mas no Rio de Janeiro”.

A relação poeta-feira pode ser medida pela trajetória do poeta cordelista Franklin Maxado. Natural de Feira de Santana (BA), cidade onde se realiza uma das maiores e mais famosas feiras do Nordeste, ao lado de Caruaru (PE), Franklin Maxado presenciou a decadência dela como reduto cultural, ficando

apenas como um entreposto comercial de compra e venda de gado.

Lutando contra o declínio da poesia, lutando pela sobrevivência da feira, Franklin Maxado publicou o folheto “A Feira de Feira quer voltar pra Praça”. Entre outras coisas, denunciava a grave situação física e estética do local, que,

*“Sem ter infraestrutura
Campo de concentração
Como parece de feitura
Até cercas de arame
Não lhe dão embocadura”.*

Em razão dessa estrutura precária, o poeta denuncia as graves consequências de uma tragédia anunciada. Se houvesse qualquer arruaça ou briga, ou mesmo algum protesto social (como é comum ocorrer em locais de grande aglomeração), os resultados seriam catastróficos, causando mortes e ferimentos em centenas de pessoas.

Depois, tendo fixado residência em São Paulo, a atividade de poeta e xilogravador ficou ressentida pela ausência de uma feira nordestina, tentativa levada a cabo na Praça da República, sem os resultados esperados. A feira de artesanato ali existente permanece imutável.

No Brás, outro bairro de grande concentração de emigrantes nordestinos, prolifera o comércio de produtos da região, sem

constituir-se uma feira propriamente dita. Novamente outro folheto traduziu a insatisfação e as aspirações do poeta feirense. No cordel “A Praça é da Poesia e Arte na República”, Franklin Maxado assegura que *o cordel já chegou lá / como ao Brás também já foi*. Fora isso o local recebe a contínua visita de músicos e artistas que “xaxam, tocam e cantam”, ficando limitada a esses heróis a representatividade nordestina na Praça da República.

Tanto desacerto trouxe em consequência uma maior aproximação do poeta com o Rio de Janeiro, onde Franklin Maxado passou a frequentar aos domingos não só a Feira de São Cristóvão, como também, nos dias de semana, a Praça XV de novembro e a Cinelândia, além de promover reuniões em universidades e colégios que aceitavam como tema a Literatura de Cordel. Franklin Maxado viu seu círculo de atividade ampliado, ensejando a publicação de três livros pela Editora Codecri.

Devido a esses acertos, muitas vezes o poeta confessou o desejo de se transferir em definitivo para o Rio de Janeiro. Mas não quis o destino assim e hoje ele é encontrado em sua terra natal, limitando sua passagem pelo Rio de Janeiro e São Paulo a rápidas viagens com objetivo de participar dos eventos em que é convidado.

A passagem pelo Rio de Janeiro – vale dizer, pela Feira de São Cristóvão – ficou registrada no folheto “Feira Nordestina:

Resiste no Rio dando exemplo pra São Paulo”. Para o poeta definitivamente:

*“Nada representa mais
Seus estados nordestinos
Do que uma feira livre”.*

Mas também o poeta Maxado Nordestino, no citado folheto, faz questão de registrar a agressão de que foi vítima pessoal na Cinelândia, justamente pelo fato de que consideravam os poetas que vendiam folhetos como camelôs – portanto careciam de licença da Prefeitura para trabalhar nas ruas e praças.

*“Eu não sei por quais pragas
Perseguem os nordestinos”.*
...
*“Os fiscais agiam brutos
Prendiam fazendo o rapa
Dando empurrões e tapa,
Fazendo então seus insultos”.*

Para evitar a estagnação dos dias da semana em que a feira está fechada – convém lembrar que a Feira de São Cristóvão funcionava a partir de sexta-feira à noite, estando obrigada a liberar totalmente o espaço às três horas da tarde de domingo – alguns poetas lançam-se isoladamente em outros locais de grande circulação de pessoas: a Quinta da Boavista, a Praça XV de novembro, o Largo do Machado, a Cinelândia e a Central do Brasil. Apesar da perseguição que volta e meia lhes movia a fiscalização, porque fora do seu reduto natural era taxado de

camelôs, o poeta sempre procura invadir com liberdade e poesia os locais onde o povo está.

A Praça XV de Novembro – nome simplificado para Praça XV – fica no Centro do Rio de Janeiro, ao lado da estação das barcas que seguem para Niterói, para as ilhas de Paquetá e do Governador e para outros bairros e cidades na baía de Guanabara. Na época colonial foi o primeiro porto do Rio de Janeiro, aonde desembarcou Dom João VI e toda a sua numerosa comitiva em 1808.

Pois bem, a Praça XV foi um espaço duramente conquistado pelos poetas populares que, quando fora do espaço que era tolerada a sua presença, eram perseguidos como camelôs – e, portanto, marginais fora da lei. A Feira da Praça XV, em seus primeiros tempos era destinada à exposição e venda de arte e artesanato (produtos de couro, redes, tapetes de sisal, rendas e seus subprodutos: toalhas, toalhinhas e lenços), logo foi vista aos olhos do poeta de cordel como uma boa possibilidade de divulgar e vender seus folhetos.

Essa percepção, como nos poetas populares, ajudou a tirar a Literatura de Cordel da marginalidade, aceitando-a como cultura popular, essa espécie de “artesanato” das letras brasileiras.

Em parêntese, convém observar que se a literatura popular tinha essa ênfase marginal, que era dada pelas autoridades fiscais e policiais, era graças ao tratamento dado pelo conjunto de

entidades que dirigiam, ensinavam e divulgavam a arte e a literatura brasileira na época: a culpa cai direto sobre os ombros da imprensa, da universidade, das academias de letras, dos nossos escritores.

Se a Literatura de Cordel, vinda do nordeste, era assim violentada, também as letras e canções caipiras, do interior do centro-oeste e do sul, sofreram muito a mesma perseguição e foi discriminada pelos meios de divulgação – o rádio e os jornais. Essa discriminação só veio a ser denunciada e combatida quando o modernismo se fixou em 1922.

Na literatura e na cultura caipira o nome a ser destacado é o de Monteiro Lobato (1882-1948) que, junto ao esforçado Cornélio Pires (1884-1958), conseguiu elevar a nível de literatura e de arte popular, mitos brasileiros, como Saci Pererê e, no caso de Cornélio Pires, todo o trabalho poético-musical produzido por artistas do interior bandeirante (considerados São Paulo, Goiás e Mato Grosso).

Continuando... A feira de artesanato da Praça XV foi frequentada durante muito tempo por José Gentil Girão (que se também se assinava “Seu Ventura” e “O poeta vaqueiro”); Sebastião Nunes Batista (que posteriormente veio a ser o organizador e responsável pelo importante Setor de Literatura de Cordel da Casa de Rui Barbosa); Raimundo Santa Helena (quando se lançou oficialmente na poesia de cordel em 1980); Gonçalo Ferreira da Silva (o amanuense que virou poeta e

conseguiu realizar o sonho de fundar – e manter viva – a Academia Brasileira de Literatura de Cordel); José João dos Santos, o “Azulão” (o mais requisitado para falar sobre Literatura de Cordel, pois além de poeta é excelente violeiro, repentista e cantador).

Apolônio Alves dos Santos, Elias de Carvalho, Franklin Maxado e Marcelo Soares, eram frequentadores ocasionais que apareciam na Praça XV dependendo da sazonalidade, quando o tempo e as atividades pessoais assim permitissem. Lá pelos anos 1980, somente Apolônio Alves dos Santos e Marcelo Soares apareciam esporadicamente com seus folhetos e xilogravuras, nos dois dias da semana em que a feira se realizava. Todos os demais, andarilhos por natureza, se dispersavam em busca de novos espaços, o que é uma pena, porque a Praça XV continua sendo passagem obrigatória de uma imensa população em trânsito.

Com efeito, desde aqueles que vão acessar o Terminal das Barcas, pontos e terminais de ônibus para o subúrbio e Niterói, aos que frequentam bares, restaurantes, centros culturais e casas noturnas, no entremeio de exposições e números musicais, durante a noite, no Arco do Teles, Travessa do Mercado e adjacências, têm na Praça XV o ponto de encontro saudável e alegre.

Esse abandono, a que os poetas se viram obrigados, é mais sentido ainda quando se relembra o sacrifício de gente como José João dos Santos, o “Azulão” e Apolônio Alves dos Santos, que

sofreram todo tipo de perseguição por parte dos fiscais da feira e da polícia. Os poetas eram muitas vezes acusados de *vadiagem* e de *malandragem* – expressões usadas para caracterizar àqueles que não têm profissão de carreira assinada – advindo daí a conseqüente corrupção, apreensão de seus bens e até prisão, como era comum naqueles tempos.

Mas a conquista do direito de frequentar a Praça XV cabe sem dúvida a Sebastião Nunes Batista, o pioneiro da Literatura de Cordel a frequentar aquele espaço. E se essa vitória o deixava alegre quando a viu consolidada, muita tristeza trouxe depois que ele próprio foi vítima de perseguição – por incrível que possa parecer! – de alguns cordelistas, que deveriam estar ao seu lado.

O alegado movimento contra a presença de Sebastião Nunes Batista foi capitaneado por Raimundo Santa Helena e contaminou outros poetas e violeiros. O principal argumento para a defecção era o fato de que Sebastião Nunes Batista havia sido contratado pela Casa de Rui Barbosa e, portanto, era um privilegiado que não precisava vender seus folhetos e livros em praça pública para sobreviver.

O que era na verdade uma fofoca, um melindre de baixa qualidade, se transformou numa acusação grave que feriu fundamentalmente o amor que Sebastião Nunes Batista tinha pela Literatura de Cordel. Debaixo da acusação de que a sua presença na Praça XV “tirava o pão da boca de outros companheiros mais

necessitados”, só restou a Sebastião Nunes Batista, desolado e amargurado, abandonar a vida de poeta das ruas.

Por ironia do destino, no entanto, o fato de Sebastião Nunes Batista pertencer aos quadros da Casa de Rui Barbosa foi de vital importância para “legalizar” a presença dos cordelistas na Praça XV – e por extensão em todo o espaço urbano – tirando-os da posição marginalizada a que estavam sujeito, equiparados aos camelôs.

Sebastião Nunes Batista era oriundo de toda uma geração de violeiros, cantadores, jornalistas e poetas muito famosos no nordeste. Tinha ele também suas universidades: possuía uma cultura de nível superior, sua figura exalava a majestade do poeta, tinha a fala mansa, cordata e jamais recusava um depoimento ou um convite para visitar faculdades e universidades. Foi, aliás, um pioneiro nesse sentido, um dos primeiros a ir e levar a Literatura de Cordel, violeiros, poetas e cantadores aos cursos superiores.

Toda essa grandeza natural, o orgulho de ser poeta de uma família de poetas, estava agora solapada pelos próprios colegas poetas. Isso o deixou triste, muito triste, devido às circunstâncias em que tudo ocorreu. Depois dessa conversa ficamos ainda a conversar fiado até que o dia se fosse. Ao ouvir as batidas dos sinos da antiga catedral que anunciavam seis horas da tarde, ele desarmou a pequena banca e juntos caminhamos em direção ao ônibus. Nunca mais vi Sebastião Nunes Batista frequentar

qualquer feira para expor e vender seus folhetos e livros de cordel. Quando queria vê-lo, era na Casa Rui Barbosa que o encontrava.

Esse depoimento, em tom de amargo desabafo, eu ouvi do próprio Sebastião Nunes Batista, com quem tinha feito recente amizade. Nós nos tornamos amigos de maneira simples e natural, um vínculo que nasceu do amor pela Literatura de Cordel e pela cultura popular, das quais ele foi o grande defensor. Também porque ele gostava de ficar horas e horas conversando sobre a história da poesia popular, de contar a vida de poetas falecidos, dos fatos por ele presenciados. Sebastião Nunes Batista era um mestre que gostava de passar adiante o seu conhecimento, pois era a memória viva da Literatura de Cordel.

Com o crescimento da Feira de São Cristóvão e sua consequente consolidação, o local se tornou um foco de atração turística. Os poetas sentem na veia a transformação, estão atentos ao progresso do movimento por eles iniciado há décadas. Voltemos a Apolônio Alves dos Santos, que em folheto mostra o quê a feira tem, quais os atrativos, os motivos que atraem tanta gente, turistas, pesquisadores, de toda parte, do Rio de Janeiro e outros estados e também do exterior:

*“Nossa feira nordestina
Já é uma tradição
É um ponto pitoresco
Servindo de atração*

*Para turistas de fora
Que veem de outra Nação.*

*“É um ponto Cultural
Para os pesquisadores
E todos os estudiosos
Jornalistas e escritores
Repórteres e Cineastas
Inclusive redatores”.*

O poeta relata os atrativos um a um, as novidades para ver, as cantorias para ouvir, artesanato típico, quadros e obras de arte, como a xilogravura, a pintura, esculturas em madeira, finalizando o passeio comendo um prato típico, tomando um refresco de frutas nordestinas, tudo, enfim, o que o turista tem para ver, comprar e saborear.

*“Tem poetas, violeiros
Cada qual bom menestrel
E vários revendedores
De folhetos de cordel
E boas comidas típicas
Buchada e sarapatel.*

*“Também tem fumo de rolo,
Inhame, manteiga e queijo
O tocador de sanfona
Fazendo aquele festejo
Recordando os bons forrós
Lá do torrão sertanejo.*

*“Tem peixe curimatã
Traíra e avoador*

*Mocó e arribaçã
Mel de abelha e licor
E manteiga de garrafa
Que tem um outro sabor.*

*“Tem o queijo de manteiga
E o queijo da coalhada
Chapéu de palha e abano
Miúdo pra feijoada
Costela e carne de sol
Para se comer assada”.*

É um espaço que tem de tudo para todos. Tudo aquilo que pode ser transplantado do norte e nordeste para o sudeste está presente na feira. Alguma coisa teve de ser adaptada aqui na região mesmo: o requeijão, o queijo manteiga, já é feito no norte de Minas Gerais, pela região de Montes Claros. Como os queijeiros de Minas são bons, o produto também é de boa qualidade.

A carne de sol igualmente é deixada para curtir no Rio de Janeiro, na baixada fluminense ou no Grande Rio, mas se o consumo exagerado não deixa o gosto apurar o tempo necessário, existe muita semelhança e sabor com as carnes oriundas do nordeste. A farinha d'água geralmente vem do Pará ou do Maranhão, mas existe uma produção artesanal lá pelas bandas de Queimados, feita com aipim e, pasmem, é tão torradinha e dourada quanto às melhores produzidas em Carema ou Santa Quitéria, no Maranhão. A tiquira também já chegou e não é mais confundida com a cachaça.

O artesanato exposto e comercializado na feira tem sua origem tanto no nordeste quanto no interior fluminense e paulista. A caninha – cachaça – essa tem de ser importada mesmo, porque o sabor da purinha da Paraíba e Pernambuco tem sabores inigualáveis. As aguardentes fluminenses só entram na feira se for da mais alta qualidade: nesse ponto os consumidores fazem questão e exigem a original.

*“Tem tapetes de sisal
Esteiras de Piripiri
E aguardente Ipioca
Serra Preta e Parati
Do estado de Sergipe
Tem cachaça Murici.*

*“Tem rendas do Ceará
Malas e chapéu de couro
E vários artesanatos
Feitos com fino decoro
Feirantes inteligentes
Ali se enchem de ouro”.*

Para animar toda a festa que é a Feira de São Cristóvão, não poderia faltar a música, em todos os seus aspectos. O cantador de coco ou de viola hoje encontra espaço para mostrar sua arte e uma barraca para vender sua produção. Existem muitas barracas de discos de música popular. Em tais barracas se toca de tudo e no século do rock ele também está presente. O forró, porém, tem seu lugar de destaque assegurado.

Mas guerra é guerra e o cantador persevera, encara toda a parafernália dos sons estereofônicos com a tonalidade pura da viola acústica e do gogó de ouro.

*“Tem cantadores de coco
E famosos violeiros
Palmeirinha e Curió
Miguel e Manoel Medeiros
Azulão e Apolônio
Dois poetas folheteiros”.*

Os turistas brasileiros e estrangeiros tem na Feira de São Cristóvão um manancial enriquecedor onde pode adquirir a preços compensadores obras de arte, xilogravuras, artesanato, entalhes, bonecos. Tudo diretamente da fonte, do próprio autor.

E depois ainda pode saborear e levar para casa uma variedade enorme de comida típica feita por cozinheiras que chegam ao local na véspera ou de madrugada, para adiantar a feitura dos pratos: buchada, sarapatel, carne de sol, mocotó, feijão de corda com legumes, fissura e baião de dois.

Para encerrar a peregrinação sem passar mal pelos excessos cometidos, cai muito bem um aperitivo, que pode ser uma caninha imaculada, como Caranguejo, Pitu, Serra Grande, Aliança ou Olho D’água – mas todas devem ser bebidas com moderação. Para os que pegam leve, cai bem o Vinho de Caju, a Jurubeba, o Pau Pereira, o Vinho de Catuaba, o Para Tudo ou doses de batidas das mais diversas frutas.

Para tira-gosto da bebida, enquanto o prato principal não sai, vale tentar alguns salgadinhos em unidades, talhos de requeijão, queijo coalho na brasa, avoantes no espetinho, pata de caranguejo, casquinha de siri. A variedade de castanhas torradas e salgadas também é grande: amendoim torrãozinho, castanha de caju, castanha do Pará, amêndoas, amendoim cozido na casca...

Os estudantes e pesquisadores encontram no local uma riqueza incalculável para seus trabalhos e dissertações. O folclore, a cultura popular, tudo vem entranhado na vida das populações trazidas pelas correntes migratórias, tem merecido a atenção de bolsistas universitários tanto do Brasil quanto do exterior.

Quem vê a Feira de São Cristóvão hoje em dia, única, especial, capaz de superar em fama suas antecessoras, fica emocionado. A feira se tornou importante demais para o povo que imigrou, muitas vezes se lançando numa aventura inimaginável, em busca de sucesso e reconhecimento de seu talento. De vez em quando alguém aparece se declarando “um dos fundadores” da feira, mas não é verdade. A expressão **“um pioneiro”** seria mais adequada. Já li declarações de Raimundo Santa Helena e de José João dos Santos “Azulão”, declarando-se fundadores da Feira de São Cristóvão. Azulão realmente esteve ali desde os anos 1950, segundo conta em entrevista a Igor Chaves, saída no jornal eletrônico “A nova democracia”, que resumi:

“A Feira de São Cristóvão tomou um rumo que a descaracterizou. Eu sou um dos fundadores. Eu conheci a feira quando não tinha esse nome, propriamente. Os únicos cantadores que existiam aqui eram Palmeirinha, Curió das Alagoas e Manuel Ferreira. Esses cantadores faziam apresentações para os conterrâneos. Os nordestinos pediam mercadorias do Nordeste como feijão de corda, queijo e rapadura. Estendiam lonas no chão para a venda das mercadorias e os que vinham compravam. Quem ergueu a feira foi o nordestino Alexandre Alves, que criou uma “sociedade” para ampliação do local. No ano de 1952 comecei a vender os meus folhetos. O primeiro foi quando Getúlio Vargas morreu [24 de agosto de 1954]. E em 1961, eu estava cansado de ver os fiscais do governo fazendo o “rapa”, apreendendo meus livretos por não pagar licença. Então fiz uma carta ao governador Carlos Lacerda em versos de cordel. Fui convidado para ir ao Palácio Guanabara e ganhei uma carteirinha com autorização para colocar minha mesa onde quisesse. Aí, quando a polícia chegava, ficava espantada com a carteirada que eu dava neles”.

[Ato falho ou decurso de memória? Essa história é idêntica ao fato ocorrido com Rodolfo Coelho Cavalcante em encontro que teve com o Governador da Bahia, Otávio Mangabeira em 1946, quando conseguiu autorização para vender folhetos nas ruas de Salvador. Carlos Lacerda foi Governador do Estado da Guanabara de 1960 a 1965].

Portanto, Azulão e outros pares são, na verdade, pioneiros, porque a Feira de São Cristóvão – ele mesmo conta – jamais foi realmente fundada. Nasceu de uma necessidade e cresceu

naturalmente. Como diz a história, tudo começou partindo de um aglomerado de gente ansiosa, andando nervosa pra lá e pra cá, entre barracas, nas ruas estreitas, viajantes, transportadores, cercando folheteiros e cantadores, comprando rapadura, camarão seco, sentindo o cheiro e o sabor das coisas que havia deixado para trás, enterradas na memória das caatingas e do sertão tórrido.

E Raimundo Santa Helena foi de fato um dos “fundadores” da Feira de São Cristóvão? Neste ponto temos de nos convencer da veracidade das informações biográficas fornecidas pelo próprio poeta: entre as décadas de 1940 e 1950 – quando a Feira de São Cristóvão brotou (consolidando-se a partir dos anos 1960), Raimundo Santa Helena estava servindo a pátria na Marinha Brasileira, na função de marinheiro e, segundo suas próprias palavras, não sobrava muito tempo para outras atividades. Ouvi de voz própria ele declarar que só pôde se dedicar totalmente à poesia popular, a partir de 1980, quando obteve a reforma plena da Marinha Brasileira, como ex-combatente. Ademais,

“Para o cordelista José João dos Santos, o Azulão, o pioneiro do comércio da feira foi o paraibano João Batista de Oliveira, o João Gordo. Ele teria começado no segundo governo de Getúlio Vargas, por volta de 1952. Além de Raimundo Santa Helena, João Gordo e José João dos Santos, outros também são citados como fundadores: Espiridião Agra, Zé da Onça, Zé Donato, João de Oliveira Dantas e o cordelista Apolônio Alves dos Santos. Por esses dados e relatos, pode-se perceber que a sua fundação obedece à cronologia indicada pelos frequentadores mais antigos da

feira e que cada um tem a sua própria versão”. (Gilmar Chaves)

Portanto, está documentado: a Feira de São Cristóvão, nunca teve um fundador e sim vários pioneiros, entre os quais, além dos citados, está o poeta de cordel Apolônio Alves dos Santos, os poetas repentistas Palmeirinha, Passarinho, Curió das Alagoas e Manuel Ferreira.

Se algum tipo de *pedra fundamental* houvesse sido lançada, porém, teria sido assentada por João Gordo, o primeiro a esticar uma lona no chão, logo ali na esquina da Rua Senador Alencar, e começar a vender seus produtos. Depois outros comerciantes de peso abriram quitandas e mercearias na mesma rua. O ponto cresceu, as lonas no chão viraram bancas, se multiplicaram e invadiram o espaço no entorno do Campo de São Cristóvão. A feira nasceu assim: de parto natural. Por isso vingou, cresceu, amadureceu e sobrevive até hoje, apesar de todos os percalços...

Mas João Gordo não era poeta. Os poetas que ali faziam ponto aos domingos – segundo José João dos Santos “Azulão” – eram Manoel José da Silva (Passarinho), Palmeirinha, Curió das Alagoas e Apolônio Alves dos Santos. Todos tinham a profissão de poeta como secundária, porque a maioria, como fonte de sustento, trabalhava na construção civil.

O autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luís (MA), reside no Rio de Janeiro. Poeta, escritor, participou dos movimentos poéticos/políticos nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos. Textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Waldir Ayala/César de Araújo-1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Miccolis/Tanussi Cardoso-1981; Chuva Fina (Antologia), Leila Miccolis/Tanussi Cardoso-Trotte-1982; Folguedos, c/Xilogravuras de Marcelo Soares-1983; Erótica, c/Xilogravuras de Marcelo Soares-1984; 7 Canções-1987.

e-books (Salomão Rovedo):

Novelas: A Ilha, Chiara, Gardênia ; **Contos:** A apaixonada de Beethoven, A estrela ambulante , Arte de criar periquitos, O breve reinado das donzelas , O sonhador, Sonja Sonrisal; **Ensaio:** 3 x Gullar, Leituras & escrituras, O cometa e os cantadores / Orígenes Lessa personagem de cordel, Poesia de cordel: o poeta é sua essência, Quilombo, um auto de sangue, Viagem em torno de Cervantes; **Poesia** Maranhense: a Atenas Renascida; **Poesia:** 20 Poemas pornos, 4 Quartetos para a amada cidade de São Luís, 6 Rocks matutos, 7 Canções, Amaricanto, Amor a São Luís e Ódio, Anjo pornô, Bluesia, Caderno elementar, Erótica (c/xilogravuras de Marcelo Soares), Espelho de Vênus, Glosas Escabrosas (c/xilogravuras de Marcelo Soares), Mel, Pobres cantares, Porca elegia, Sentimental, Suíte Picasso; **Crônicas:** Cervantes, Quixote e outras e-crônicas do nosso tempo, Diários do facebook, Escritos mofados; **Antologias:** Cancioneiro de Upsala (Tradução e notas), Meu caderno de Sylvia Plath (Cortes e recortes), Os sonetos de Abgar Renault (Antologia e ensaios), Stefan Zweig - Pensamentos e perfis (Seleção e ensaio).

e-books (Sá de João Pessoa):

Antologia de Cordel # 1, Antologia de Cordel # 2, Antologia de Cordel # 3, Antologia de Cordel # 4, Macunaíma em cordel, Por onde andou o cordel?.

Inéditos: Geleia de rosas para Hitler (Novela), Chiara (Romance); Stefan Zweig—A vida repartida (Ensaio). Etc.: Folhetos de cordel com o pseudo Sá de João Pessoa; jornalzinho de poesia Poe/r/ta; colaboração esparsa: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poética(Uruguaí), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), Jornal Pequeno (MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas. Os e-books estão disponíveis em: www.dominiopublico.gov.br.

email: rovedod10@hotmail.com, rovedod10@yahoo.com.br

blog: <http://salomaorovedo.blogspot.com.br>

Wikipedia; http://pt.wikipedia.org/wiki/Salom%C3%A3o_Rovedo



Foto: Priscila Rovedo

Este trabalho está licenciado sob Licença Creative Commons - Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International Public License. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/legalcode>. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais retornam para seus herdeiros naturais.

